

CAPOEIRA: GÊNESE, CULTURA E IDENTIDADE

APRESENTAÇÃO

Capoeirar...! Generaliza a prática da Capoeira na sociedade brasileira de hoje. No meio das camadas populares, das classes médias, e mesmo superiores, a Capoeira conquista muitos adeptos.

As músicas, os cantos, os toques, os movimentos e os golpes contagiam aqueles que se encontram dentro e fora das “rodas de Capoeira”. Para muitos, a Capoeira é a sua própria razão de ser e a base da sua identidade cultural e social.

Mas como foi possível surgir no Brasil uma expressão cultural tão expressiva e que remonta a tempos imemoriais?

Este vídeo busca responder a esta questão. Para tanto, é necessário identificar a origem da Capoeira, o seu desenvolvimento e a contradição de ser uma expressão cultural popular numa sociedade em que impera o valor econômico.

ESCRAVIDÃO E COMÉRCIO

Para compreendermos a Capoeira temos que nos remeter ao passado escravista, visto que é no meio dos negros escravos que surgiu a Capoeira.

O comércio de escravos, sobretudo africanos, já era prática econômica presente na idade média. Porém, a carência de fortes documentais não nos permite avaliar a quantidade de escravos comercializados, a sua origem, entre outros aspectos.

Dados mais precisos sobre o comércio de escravos africanos puderam ser identificados a partir de 1441, quando da publicação da **Crônica do Descobrimento da Conquista da Guiné**, de Gomes Eannes de Azurara, a mando de El-Rei D. Affonso V. Através desta obra podemos identificar o espírito de conquista português e sua orientação para a conquista da África, a fim de obter o que se reconhecia ser “tão abundante e rendosa mercadoria”.

A conquista de possessões na África e o comércio de escravos recebeu a “benção” da Igreja Católica. Com a perspectiva de universalizar a fé cristã, por um lado, e de se beneficiar também do usufruto desta mão-de-obra para os fazeres dos mosteiros e palácios eclesiásticos, por outro, a igreja legitimou a conquista da África e o comércio de escravos. A escravidão era legitimada pela Igreja enquanto processo que transformaria povos bárbaros em povos “civilizados” através do modo de vida e da fé cristã. O casamento da coroa portuguesa com a igreja na conquista da África, no comércio de escravos e na escravidão justificava e naturalizava o processo, retirando

qualquer forma de sentimento de culpa ou de crise de consciência das pessoas, grupos e classes sociais que usufruíam dos referidos processos.

O escravo negro será utilizado primeiramente como escravo doméstico, absorvido nos fazeres de casas, mosteiros e palácios. Estes escravos já totalizavam 10% da população de Lisboa em 1450. Com a expansão da atividade açucareira na forma de uma atividade altamente especializada, desenvolvida em grandes propriedades rurais e acoplada a um complexo de processamento da garapa tendo em vista sua transformação em açúcar e aguardente, o escravo será incorporado como força de trabalho no campo. As ilhas do atlântico, Açores, Madeira e Cabo Verde, e posteriormente, o Brasil a partir do início da efetiva colonização, o que se dá por volta de 1536.

A chegada dos escravos no Brasil, maioritariamente Bantos vindos de Angola, intensificou ainda mais a partir do início do século XVII com a consolidação e expansão da atividade açucareira.

SURGE A CAPOEIRA

O termo capoeira não possui uma única origem e, nem tampouco, há um consenso em torno dele. Na sua origem Tupi-guarani o termo denota “mato que não é virgem”, “mato novo”. Denota também “uma espécie de perdiz pequena, que anda em bando e no chão, presente nas regiões de campo do Centro-Sul do país. Aves que se caracteriza pela disposição dos machos de se enfrentarem ao identificar o canto do outro, provavelmente na delimitação de território ou nas disputas pelas fêmeas no período de acasalamento.

Há também uma origem portuguesa, denotando cesto para se guardar algo, em especial galinhas. Para muitos a capoeira, designando um “jogo” e uma luta, teria se originado como referência a briga de galos promovido por escravos que transportavam capoeiras abarrotadas de galinhas.

Diversos estudos etnológicos tem se colocado a questão da origem da capoeira. Waldeloir Rego, pesquisador baiano que se ocupa das tradições culturais afro-brasileiras, em especial do Candomblé e da Capoeira, não identifica expressão semelhante de luta e de dança em Angola, região de onde se originaram a maioria dos escravos brasileiros. Para reforçar a tese de que a capoeira é uma luta eminentemente brasileira, ele observou que ela assumiu variedades ao nível de golpes e movimentos de região para região e se aperfeiçoou no tempo, incorporando inclusive golpes de outras artes marciais. Uma luta tão criativa e dinâmica, se originada em outra região teria ter se consolidado, ainda que com grande diferença, nesta hipotética região. A referência a Luanda, Angola e Benguela nos cânticos da Capoeira, nessa visão, com a qual concordamos, é muito mais a referência cultural à terra de origem da grande maioria dos escravos e ex-escravos, do que a identificação de sua possível origem.

A cultura afro-brasileira foi sempre muito pródiga na criação de expressões musicais, corporais e religiosas. Candomblé, Lundum, Samba, entre tantas outras formas de expressões, exemplificam esta característica da cultura afro-brasileira. Mas é claro, muitas expressões desapareceram com o tempo.

A capoeira não foi a única expressão cultural afro-brasileira que se caracteriza como luta surgida no Brasil. Na Bahia, por exemplo, existia o **Batuque**, uma luta na qual dois lutadores dançavam um diante do outro, com golpes sendo destilados de parte a parte, até a queda de um dos dois.

Portanto, a Capoeira se forma num contexto eivado de expressões culturais, na qual ela influência e é influenciada, como o Batuque, o Lundum, o Candomblé, entre tantos outros.

A Capoeira não surgiu como a conhecemos hoje. Ela foi se transformando através da influência de múltiplas expressões e nutrido, incorporando e sintetizando estas mesmas expressões. Vários estudiosos da Capoeira chamaram a atenção para o fato de que o seu aparecimento provavelmente se materializou na forma de movimentos, golpes e “negaciamentos” entre dois praticantes, sem toques ou cânticos. Posteriormente, foram se incorporando os toques e, mais tarde, os cânticos.

CAPOEIRA E CAPOEIRAS

Através da transmissão oral e dos cânticos capoeiras ficou evidenciado o papel da Capoeira como um instrumento de resistência, de luta contra o sistema escravista colonial brasileiro. Nos quilombos, nas fazendas ou nas cidades, a capoeira se constituía numa arma de resistência dos negros frente a opressão e abusos cometidos. Assim, uma manifestação formada com o propósito de divertir poderia se transformar, também, numa forma de luta no momento oportuno.

A Capoeira era praticada na rua ou em um largo, próximo a uma quitanda, de tal maneira que jogar Capoeira, cantar e beber compunha um verdadeiro conjunto. Nos domingos, feriados, dias santos, ou mesmo após o trabalho formavam-se as “rodas de Capoeira”.

Era praticada por pessoas marginalizadas social, econômica e culturalmente. Escravos (ainda no período escravista), ex-escravos, prostitutas, desocupados, trabalhadores, enfim, toda sorte de gente que compunha as camadas populares.

Waldeloir Rego chamou a atenção para a preocupação das classes dominantes de Portugal e colonial brasileira em combater manifestações que confrontavam com a ordem colonial escravista. Para combater os quilombos, que ameaçavam a estrutura escravista, o candomblé, que ameaçava a hegemonia religiosa católico-cristã, a capoeiragem, que ameaçava o controle das camadas populares em geral, é criada a Intendência Geral de Polícia em 10 de maio de 1808, tendo como seu instrumento principal de ação a Guarda Real de Polícia criada em 13 de maio de 1809.

No período imperial estes órgãos continuaram existindo. Deram continuidade a ação repressiva reivindicada por D. Pedro I e D. Pedro II, representantes de uma classe dominante nativa que não mais comandava o país de forma associada com Portugal.

A Capoeira continuava despertando preocupações de governos, polícias e imprensa. Em 1880, o jornal de notícias de Salvador descrevia a transformação de uma rua em um campo de “luta incessante”, no qual à noite e dias santos “rola pau”. Em Salvador e Rio de Janeiro polícias são orientadas para reprimir confrontos entre capoeiras, ou mesmo a prática da Capoeira.

Confrontos entre capoeiras, capoeiras e marinheiros, capoeiras e policiais entre outros, não raramente mediadas por facas e navalhas, era acontecimento comum. A vigilância e mesmo repressão à prática da capoeiragem pode ser parcialmente compreendida se entendermos a formação do Estado liberal e burguês no Brasil. Este Estado, após a Proclamação da República, intensifica o processo de monopolização da violência, ou seja, apenas o Estado à serviço da ordem social, caracterizada pela exclusão e marginalização das grandes massas da população, poderia bater, prender ou matar.

Estado procura, ainda, reprimir uma prática de divertimento e luta que, não raramente, se constituía num instrumento de defesa popular nas revoltas sociais. Durante o processo de reurbanização do Rio de Janeiro, por exemplo, quando a população pobre e majoritariamente negra foi desalojada violentamente das regiões que hoje formam bairros como Copacabana e Leblon, dando início a sua expulsão para os morros, os capoeiras estavam à frente dos enfrentamentos que esta gente realizava contra o poder público e sua polícia.

Mas a Capoeira não se constituiu apenas num instrumento de resistência cultural e social das camadas populares. A Capoeira, refletindo as contradições da sociedade brasileira, se constituiu também em um instrumento de opressão exercido por pessoas originadas das camadas populares sobre outras pessoas das camadas populares, satisfazendo interesses pessoais ou mesmo das classes dominantes. A Capoeira serviu para que cafetões se impusessem sobre prostitutas e frequentadores de bordéis, para que pessoas de origem popular praticassem roubo, para que as maltas de capoeiras realizassem a prática de intimidação política a serviço das elites políticas, entre outras formas.

A identificação da Capoeira com a vadiagem, a violência, a marginalidade, portanto, não era apenas uma construção ideológica do Estado e da classe dominante tendo em vista reprimir uma expressão de resistência cultural e social das camadas populares. Havia também manifestações de capoeiragem que deturpavam o caráter lúdico da Capoeira, ou seja, a sua prática enquanto consagração da liberdade, da camaradagem e da alegria.

A Capoeira compunha uma forma de expressão cultural integrada numa cultura afro-brasileira mais ampla. Especialmente importante era a relação da Capoeira com a visão mágica de mundo, expresso através dos orixás cultuados nos rituais de Candomblé. Em Salvador, muitos dos capoeiras famosos ocupam papéis de destaque nestes rituais como “filhos” de entidades ou como “incorporadores” das mesmas. A presença da capoeira nos terreiros de Candomblé, nas suas festas religiosas completavam as ligações da Capoeira com esta forma de expressão religiosa.

Apesar da relação íntima com o Candomblé a Capoeira era uma expressão própria, com ritmos, músicas, movimentos e instrumentação própria. Expressava, segundo nos observou Glauber, contra-mestre de capoeira do Grupo Candeias, um ritual de consagração da liberdade, da camaradagem e da alegria. Um determinado momento, enfim, de materialização desta cultura afro-brasileira cujas raízes expressavam religiosidade, alegria, sensualidade, dança e luta.

ANGOLA E REGIONAL

A capoeira chamada Angola se constituía numa expressão ritualizada de contemplação e consagração da liberdade, da camaradagem e da alegria. O seu objetivo enquanto arte de luta e de movimentação era simular, através da malandragem, da mandinga, do “vai ou não vai”, um golpe, sempre praticado à distância. Portanto, quase nunca era praticada com o intuito de um adversário acertar o outro. O ensino se confundia com a sua prática na convivência do grupo, não existindo um método de ensino. Enfim, era na observação e na prática das rodas que se aprendia a Capoeira.

A partir dos anos 20 e 30 uma nova forma de jogar capoeira começa a ser criada por Mestre Bimba denominada Capoeira Regional. Preocupado em dar mais eficiência à Capoeira enquanto uma arte marcial, Mestre Bimba buscou imprimir maior velocidade na sua movimentação e aperfeiçoou seus golpes e incorporou golpes de outras artes marciais. Mestre Bimba desenvolveu também um método eficiente para o ensino da capoeira de tal forma que o seu aprendizado passaria a ocorrer em menor tempo.

A Capoeira Regional dava maior eficiência à Capoeira como luta, mas comprometia em alguma medida a sua ritualização e consagração da liberdade, da camaradagem e da alegria.

A CAPOEIRA E AS ACADEMIAS

Primeiro mestre de Capoeira a abrir academia foi mestre Bimba, em 1932, no Engenho Velho de Botas. Conseguiu o registro para o seu Centro de Cultura Física e Capoeira Regional, como se denominava a sua academia, em 9 de julho de 1937, através de certificado emitido pela então Secretaria da Educação, Saúde e Assistência Pública.

Mestre Pastinha seguiu o mesmo caminho. Fundou o Centro Esportivo de Capoeira Angola em 1941.

A formação de academias assumiu, a partir da iniciativa destes dois mestres, um caminho natural para a sua prática.

Deslocamento da Capoeira das ruas para as academias esta relacionado, a nosso ver, com a própria consolidação do capitalismo no Brasil. Como sabemos muito bem, uma das características deste sistema é a transformação de tudo, inclusive das expressões culturais, em mercadoria, em algo que possa ser comercializado e gerar valor.

A Capoeira como expressão cultural seria alvo deste processo. O seu deslocamento para as academias, com a conseqüente cobrança de mensalidades, a transformaria num meio de vida para mestre e professores de Capoeira. Constituía-se, portanto, numa mercadoria. Ocorre também uma modificação social dos praticantes com a presença, já neste momento, de pessoas cuja origem social se encontrava nas classes médias e mesmo altas.

JOGO DA CAPOEIRA

O jogo da Capoeira tem início com a formação da “roda” a partir dos instrumentos. O seu início ocorre através da **Ladainha**, o canto de louvação dos feitos e qualidades de capoeiras famosos.

Ao término da Ladainha se segue o **Canto de Entrada**, quando os capoeiras se benzem e iniciam o “jogo” da capoeira.

A certa altura o **Canto de entrada** dá lugar ao chamado **Corridas**, com toques e cânticos acelerados, animando intensamente o “jogo”. No decorrer do “jogo” pode haver cânticos voltados para “provocar” alguém. **Cantigas de Sotaque**, por exemplo, são aquelas que abrem os olhos a quem é dirigido o **sotaque**, “dizendo do que não tem medo, do que já fez e do que poderá fazer”.

O “jogo” pode ser concluído através de cantigas próprias, onde se despedem e agradecem do público.

TOQUES, INSTRUMENTOS E GOLPES

A Capoeira possui vários toques, cada qual com um significado. O **Cavalaria**, por exemplo, era utilizado para denunciar a aproximação do esquadrão de cavalaria da polícia militar, voltada para a repressão da prática da Capoeira. O **Aviso** era usado pelo escravos fugidos ou pelos ex-escravos avisarem, respectivamente, a presença do capitão do mato ou da polícia.

Os nomes dos toques variam de região para região e mesmo de mestre para mestre. Os mais conhecidos são:

São Bento Pequeno
São Bento Grande
Cavalaria
Iuna
Benguela
Angola

Os instrumentos musicais mais utilizados na roda de capoeira são o **Berimbau**, provavelmente de origem africana; o **Pandeiro**, provavelmente de origem européia; o **Atabaque**, provavelmente de origem árabe; o **Caxixi**, provavelmente de origem africana; e o **Agogô**, provavelmente de origem africana.

A Capoeira possui dezenas de golpes, cuja nomenclatura também pode variar de região para região e mesmo de mestre para mestre.

Os mais conhecidos são:

| | |
|--------------------|----------------|
| martelo | rabo de arraia |
| meia lua de frente | cabeçada |
| armada | joelhada |

| | |
|----------------------|--------------------|
| meia lua de compasso | murro direto |
| chapa de frente | cocorinha |
| chapa de costas | vingativa |
| esporão | bença |
| tesoura | .meia lua de costa |
| galopante | chapéu de couro |
| asfixiante | martelo rodado |
| ponteira | |

A conjugação de golpes, o momento da sua aplicação, ou mesmo o surgimento de um golpe novo também varia de região para região e de mestre para mestre.

A INDUMENTÁRIA DO CAPOEIRA

A Capoeira não possuía uma indumentária própria para a sua prática. O que era natural visto que se tratava de uma manifestação cultural reprimida pelas classes dominantes e pelo poder público tanto no período colonial, como no império e na república. Uma indumentária típica facilitaria, portanto a prisão dos capoeiras.

A utilização da calça branca folgada com boca de sino cobrindo todo o calcanhar; camisa comprida quase sempre branca; e lenço de seda envolto no pescoço era uma forma de vestimenta comum das classes populares no final do século XIX e início deste século. A sua identificação com a capoeira foi uma “criação” posterior, determinada talvez pela necessidade sentida pelos capoeiras de construir uma identidade visual, ou pelas necessidades criadas em decorrência da prática da Capoeira em academias, ou ainda pelas políticas de Turismo cultural desencadeadas em Salvador. Não há um consenso sobre a questão junto aos capoeiras.

CAPOEIRAS FAMOSOS

Alguns capoeiras famosos são lembrados freqüentemente nas músicas e nas histórias da Capoeira bem como na memória dos mestres de capoeira mais antigos.

Mestre Bimba, Manuel dos Reis Machado, nascido em 23 de novembro de 1900, em Salvador, foi criador da Capoeira Regional;

Mestre Pastinha, Vicente Ferreira Pastinha, nasceu em 5 de abril de 1889, em Salvador, praticante da Capoeira Angola;

Mestre Canjiquinha, Washington Bruno da Silva, nasceu em Salvador em 25 de setembro de 1925, praticante da Capoeira Angola;

Besouro Cordão de Ouro ou Besouro Mangangá, Manuel Henrique, protagonista que grandes feitos como desafiar outros capoeiras, bater na polícia, etc.

Mestre Waldemar, Waldemar da Paixão, capoeirista antigo e afamado;

A fama dos capoeiras está ligado às suas apresentações como intensamente o fez Mestre Pastinha; à divulgação e/ou desenvolvimento da capoeira, como o fizeram Mestre Bimba e Mestre Canjiquinha; ou às grandes proezas realizadas, como Besouro Mangagá.

ENCERRAMENTO: A CAPOEIRA HOJE

A Capoeira nunca foi tão praticada como é hoje em dia. Esta realidade, contudo, não deixa a capoeira em um estado de conforto. Tal como no passado, ela convive com grandes ameaças à sua existência enquanto manifestação cultural e popular.

A Capoeira tem se afastado dos bairros e das classes populares e se alojado nas classes médias. Este processo tende a romper a relação que a Capoeira manteve na sua origem com a população negra e as classes populares, expressando uma resistência social e cultural contra um sistema de opressão e uma imposição cultural das classes dominantes.

A Capoeira tem convivido também com a sua transformação, por parte de determinados grupos e praticantes, numa arte marcial presente em grupos violentes e *gangs*, como nos dão vários exemplos São Paulo e Brasília. Completando o quadro, há o uso indiscriminado de anabolizantes e outras drogas voltadas para acentuar a força e a estrutura muscular, tendo em vista o culto do corpo ou mesmo o exercício da prática da violência.

Mas talvez seja a mercantilização da sua prática; o usufruto de um rendoso negócio na forma de mensalidades, batizados, indumentária, apresentações etc, que se encontra as maiores ameaças à capoeira enquanto expressão cultural e popular.

A capoeira não necessita preservar a sua base cultural originária para ser praticada. E esta é a porta por onde tem entrado os processos que podem levar a sua descaracterização. Porém expropriada, retirado dela a sua base cultural originária ela pode ser banalizada e perder o seu significado, qual seja um ritual de consagração da liberdade, da camaradagem e da alegria.

Fontes Bibliográficas:

- FAUSTO, Boris. História Do Brasil. Campinas: Editora da UNICAMP, 1995.
- REGO, Waldeloir. CAPOEIRA ANGOLA - Ensaio Sócio-etnográfico. Coleção Baiana. Salvador: Editora Itapuã, 1968.